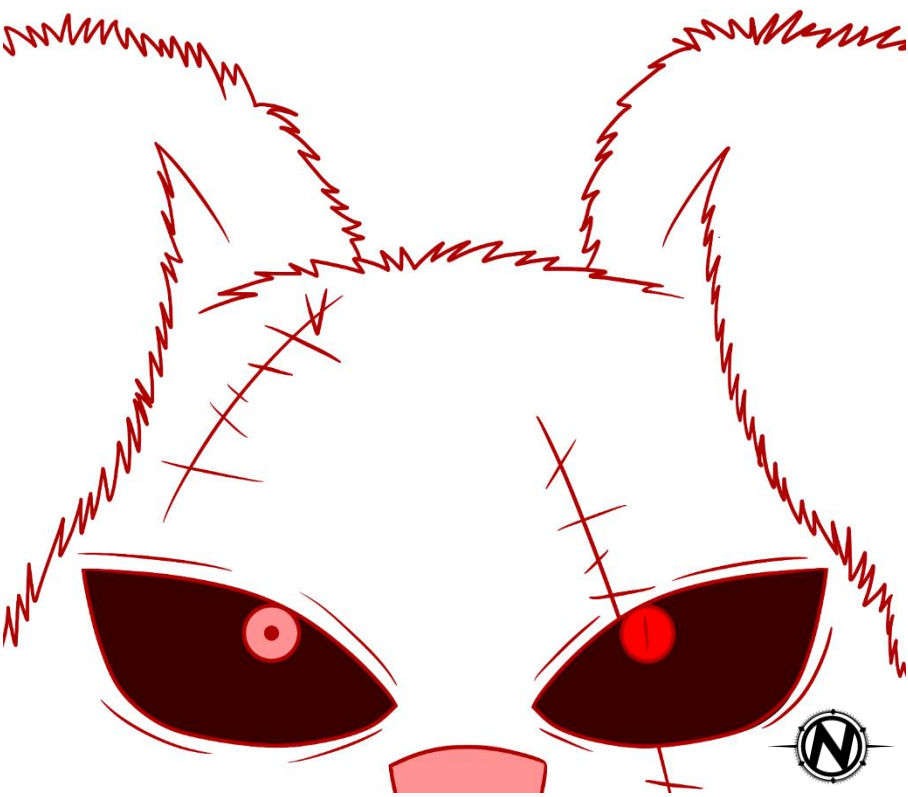


GAKKOU

CARNIVAL



Extra! 2



[Crianças Não Devem Brincar com *Brasileirices*]

— Miriam?

— O que foi, Natasha?

— É...

— Fala logo, mulher! Isso aqui tá pesado, cacete! Não tá a fim de ajudar não?!

— Eu ia perguntar exatamente sobre isso... Por que você tá carregando uma churrasqueira?

A loira, que deveria estar me ajudando a carregar a maldita churrasqueira de metal, fica me fazendo perguntas idiotas...

O que eles colocam na comida daqui para o pessoal ficar tão retardado?

— Tô fazendo isso porque planejo empinar pipa na piscina da escola, Natasha.

— Mas cadê a sua pipa, Miriam?

Perceba como ela simplesmente não vê problema algum em empinar pipa dentro d'água. Tudo que a preocupa é onde está a pipa.

Eu juro, não sei quanto tempo mais vou aguentar ficar andando com essa garota. Sinto que uma parte dos meus neurônios se desligam de tristeza toda vez que ouço ela.

— Tão dentro da picanha, nas sacolas que você podia estar carregando, mas não, deixa pra Miriam aqui carregar a porra toda né?!

As sacolas que estou me referindo são as que eu amarrei na minha cintura: cinco quilos de picanha, um quilo de linguiça e um saco de carvão.

Nesse momento, vou me dirigindo para o gramado perfeito no caminho para o ginásio. Vi alguns alunos fazendo piquenique lá há uns dias, então pensei em mostrar o jeito brasileiro de passar o fim de semana.

Já faz umas duas semanas desde o incidente mais do que bizarro com a tal deusa. E desde que cheguei nesse hospício que teimam em chamar de escola, tudo o que comi foi arroz, peixe cru e... ah, mato marinho.

Além da gastronomia que não me dá aquele “tesão”, ainda tem as malditas músicas. Não tem um pagode, um sambinha... mano, eu estou aceitando até funk na atual situação em que me encontro.

O que posso dizer? Sou uma brasileira no fim das contas.

Por isso, vou mostrar para esse pessoalzinho daqui o que é comida, música, e festa de verdade.

Mas pelo jeito o domingo vai acabar e nem conseguir chegar no local da festinha eu vou. Preciso fazer com que a Natasha me ajude...

— Ei — chamei a atenção dela. — Pensa rápido!

Com velocidade, desamarrei a sacola da minha cintura e a arremessei na direção da loira. Assustada, ela pegou, mas quase deixou cair.

Se tivesse caído, meu amigo...

– Viu, não é difícil – comentei, acelerando o passo.

– Pensei que você era minha amigona, mas fica fazendo *draminha* na hora de ajudar.

– Mas quem tá fazendo drama aqui é você, não eu.

– Ah, que se dane também!

Sem estar nem um pouco a fim de continuar ouvindo a loira, desliguei meus ouvidos temporariamente. É uma técnica que fui obrigada a aprender para conseguir conviver com Natasha.

Fico me perguntando qual era o motivo para a Capitã gostar tanto dessa cabeça de vento.

Enfim...

Por ser fim de semana, imaginei que a maioria dos alunos iriam para suas casas, apreciar novos ares fora da Ninjin. Enganei-me bonito, infelizmente. Veja só, apesar de já ter presenciado coisas bizarras demais para sequer comentar aqui – ah, você lembra, o volume 1 inteiro foi sobre isso – por algum motivo, eu continuo esquecendo que essa escola não tem nada de normal.

Devido a algum motivo que desconheço, pelo menos por agora, o fim de semana na Ninjin é ainda mais movimentado que os dias de semana. Alunos fazem piqueniques, alguns apostam corridas de cavalos – nas

quais os cavalos são outros alunos –, e professores fazem um “*Fashion Weekend Nude Edition*”.

Apenas mais um dia por aqui.

Nessas semanas, compareci a algumas aulas, mas foi só isso mesmo. Dormia na sala, acordava, comia alguma coisa e voltava pro dormitório, onde eu ficava assistindo Japflix até o sol nascer.

A Natasha até tentou me levar para um desses clubes, como o *Clube de Exaltação ao Deus Sol*, ou o *Clube da Chuva Dourada*. Nenhum deles me agradou. Sabe, por mais que tenham me expulsado de lá, sinto saudades da minha terra.

Mas agora que estou presa aqui, não me resta outra opção além de transformar todo esse país em um caos sem limite, assim como a minha terra natal.

Após uma eternidade, chegamos no local planejado. Era por volta das 9:30 da manhã, e já havia apenas uma cacetada de alunos vagando e vegetando por essas bandas; todos eles apreciavam um finíssimo vinho de... cenoura?

Essa não...

Subitamente sinto um calafrio percorrer minha espinha. Isso se tornou meio que meu sexto sentido de uns tempos pra cá, me avisando da presença do...

— Fala, gatinhas! — um aluno meio gordo se aproximou.

Tinha cabelos enrolados e oleosos, castanhos. Vestia uma camiseta social e calça jeans largas. Por algum

motivo estava descalço, exteriorizando seu dedão peludo. No entanto, o pior de tudo isso são os óculos. Os malditos óculos espelhados.

— Gatinhas é a... olha Fizzy, eu não tô com a mínima vontade de discutir ou me estressar com você hoje — respondi a figura, que cancelou automaticamente o abraço que vinha preparando desde que nos avistou. — Se você não começar com a palhaçada de querer empurrar seus malditos produtos na intenção de nos fazer comprar, você até pode participar do meu churrasco.

— Churrasco? — o Fizzy-obesidade encarou com seriedade a churrasqueira que eu recém-posicionei no chão. — Que porra é essa?

— Boa pergunta, Miriam. O que é isso? — perguntou Natasha, com uma expressão confusa.

— Eu não acredito que vocês não sabem o que é — retruquei, incrédula. — Não vou explicar, vocês verão com seus próprios olhos.

De forma triunfante, abri a churrasqueira.

— Natasha, o carvão!

— Sim, senhora! — ela respondeu, prestando continência com a mão no meio do rosto. — É esse saco?

Putá merda...

Estou vendo que vai demorar...

— Gramado próximo ao Ginásio – 14h24min —

— Uau, a carne tá cheirando muito bem — Fizzy comentou. Suas salsichas gordas que ele chamava de dedos balançavam em direção ao espeto da churrasqueira. — Que tal colocar um pouco dessa maionese de cenoura? Produto novo no catálogo.

— Claro, aproveita e serve um cenoullinho também.

— Sério?

— NÃO!

— Miriam, tô com fomeeeeeeeee... — Natasha resmungou, seu estômago roncava mais do que um carro velho.

— Tá *quase*, relaxa.

Notei que enquanto a carne ia assando, um aglomerado de alunos ia surgindo, em sua grande maioria, puxados pelo cheiro, flutuando, literalmente.

O que posso dizer? Churrasquinho convoca todo mundo.

Retirei o espeto da churrasqueira e passei a carne para uma bandeja. Em seguida, peguei um potinho com o néctar especial: farinha de mandioca!

— COCAÍNA?! — Fizzy berrou, se afastando e olhando para todos os lados feito um louco. — Que merda cê tá pensando ao trazer cocaína aqui pra dentro?! Se o Coelho descobre, ele vai confiscar pra usar, caramba!

Antes que eu pudesse responder, o maluco avançou em mim, jogou o potinho para o alto e deu dois tiros com uma pistola que, como sempre, foi tirada de algum universo paralelo.

Farinha chovia como fumaça vulcânica, só que um pouco menos mortal.

— Meu Deus! O que eu fiz?! — Fizzy se ajoelhou no chão, derrubando a arma. Ficou encarando suas mãos trêmulas. Depois, voltou seu olhar para mim. — Você fez isso comigo! Eu nunca havia pegado numa arma durante minha vida toda! Graças as suas ideologias brasileiras e esse... *churrausco* eu me tornei um monstro!

— Você é dos Estados Unidos, Fizzy, então para de palhaçada porque lá o pessoal toma café dentro de uma escopeta em vez de uma caneca — retruquei, revirando os olhos. — Agora me diz como vou comer a carne sem a farinha?

— F-farinha? Não era cocaína? — o gordão perguntou, desolado. — Isso significa que...

— Você tem três segundos pra sumir da minha frente, antes que eu te moa na porrada! — peguei o espeto e apontei para ele. — Três...

Sem nem ao menos precisar chegar no dois, Fizzy já não existia mais no plano físico. Correu tão rápido que provavelmente se desintegrou no processo.

Parando para pensar, a Natasha tá muito quieta.

Quando viro em direção à bandeja, percebo uma cena curiosa, a qual fez saltar uma veia na minha testa:

A minha querida loirinha segurando um pedaço de costela com a mão, sua boca toda suja mastigando devagarzinho.

Ao perceber que eu a observava, sua expressão foi de total pânico, arremessando a carne para longe e metendo as mãos para trás das costas.

Por que todo mundo joga as coisas para longe nessa merda?!

— Eu pensava que você fosse minha amiga, Natasha! Eu confiei em você!

— Mas eu não fiz nada, Miriam — ela respondeu, desviando o olhar e assobiando como se nada de fato, tivesse acontecido.

— Eu devia te dar umas bolachadas! — avancei em cima dela. — Dane-se se a capitã gostava de você, quem estraga meu churrasco apanha!

— Aaaaah! Socorro! — a maluca começou a fingir um berro, que na realidade, soava muito mais como um gemido. — E agora, quem poderá me defender?! — aumentou o tom de voz, mas se manteve parada e empinou a bunda.

Ô porra?!

A loira se jogou em cima de mim, me derrubando.

— Por favor, alguém me ajude! — ela “gritava”, enquanto quicava em cima de mim. Maldita...

No entanto, quando eu pensei que algo de bom poderia acontecer em meio a tanta merda, avistei uma silhueta pulando lentamente, se aproximando.



E para acabar com a ótima sensação de ter a loirinha sobre mim, aquele rosto desfigurado apareceu diante de nós. Contudo, havia algo novo na cara daquela criatura: a minha costelinha!

— Ahem! — o Coelho pigarreou. Seu olhar pervertido estava fixado em nossos dotes, mas ainda tentava manter uma certa autoridade. — Tenho duas perguntas para fazer a vocês.

— Minha costelinha! — joguei a Natasha para o lado e arranquei a carne assada da cabeça do Coelho. — Nem tudo está perdido, é só esterilizar muito que ainda será comestível!

— O que isso quer dizer, Miriam-chan? Está supondo que eu não tomo banho? Que não sou cheiroso? — fez uma cara de mal. — Pois saiba que acertou!

Eu... não digo mais nada.

— Agora, diga-me o que está acontecendo aqui e quem jogou essa coisa na minha car... — como se ele tivesse visto a coisa mais incrível da vida dele, o Coelho berrou. — ISSO É PÓ?!

Sem pensar, se jogou em direção ao montinho de farinha no chão e prontamente aspirou aquilo. Quando percebeu que não ficaria loucão das ideias, olhou para mim com ódio.

— Você, Miriam-chan, me enganou... — levantou, com uma aura ameaçadora. Essa é definitivamente a

primeira vez que vejo o Coelho *full pistola*. — Quando o assunto é cenouras e pó, você não deve brincar comigo.

— Eu não fiz nada, ô coisa feia — dei um chutão na fuça da criatura. — Agora sai daqui que eu quero comer minha costelinha em paz.

— É, diretor! Deixa ela comer a costelinha, já que todo o pessoal aqui comeu tudo e... opa, eu não devia ter falado isso.

Quando ela revelou isso, percebi que ao meu redor, todos que faziam seu piquenique tinham pedaços do meu churrasco em suas mãos e bocas! Isso é um ultraje!

— Eu juro que vou matar todos vocês!

— Que falta de educação, bater no seu querido diretor, Miriam-chan! — o Coelho se levantou, alisando as bochechas. — Só por isso, vou confiscar essa churrasqueira e a carne toda.

E como num passe de mágica, o desgraçado, maldito, Coelho do caral**, tomou distância, sacou uma pokébola e a arremessou na direção da churrasqueira, capturando-a como se fosse um pokemón. Eu, obviamente fiquei em choque no primeiro momento, pelo menos até me dar conta do que havia acontecido e o sangue subir à cabeça.

— Hehe... eu realmente só queria comer em paz — estalei meus pulsos. Uma veia saltava na minha testa.

— Mas nem isso consigo fazer nessa droga de escola.

Coelho, vendo a situação em que se encontrava, começou a recuar.



— Calma, Miriam-chan. — O Coelho sem escrúpulos pegou outra pokébola e arremessou na minha cara. Tudo o que ela fez foi quicar no meu rosto e desabar no chão. — Ai, caramba... devia ter trazido umas frutinhas.

— Ah, mas você vai poder pegar as frutinhas — continuei avançando até ele. — Em outra vida! Seu Coelho maldito!

Avancei correndo atrás dele, enquanto ele dava pulinhos o mais rápido que podia.

Já a costelinha? Bem, pode-se dizer que ela teve o seu final feliz no estômago da Natasha.